



Resgate da memória popular sobre duas escolas que existiram em Tamandaré/PE

Resume of the popular memory on two schools that have existed in Tamandaré/PE

Maria do Carmo Ferrão Santos⁽¹⁾

⁽¹⁾Graduações: Bacharelado em Ciências Biológicas (UFRPE) e Licenciatura em Biologia (UFPE). Mestrado e Doutorado em Oceanografia Biológica (UFPE). Professora. Pesquisadora de temas históricos sobre Tamandaré. Acadêmica efetiva e fundadora da Academia Tamandareense de Letras e Artes - ATLA. E-mail: maria-carmo.santos@icmbio.gov.br

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 22 março junho de 2019; Aceito em: 29 de setembro de 2019; publicado em 01 de 10 de 2019. Copyright© Autor, 2019.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo, resgatar as lembranças guardadas na memória dos nativos e antigos moradores de Tamandaré, sobre a existência de duas instituições de ensino federal que aqui funcionaram: o Patronato (Aprendizado) João Coimbra (1924 a 1941) e a Escola de Pesca de Tamandaré (1954 a 1975). A memória é um dos alicerces que dá sentido aos fatos pretéritos da vida. Através de conversas informais, foi possível perceber que a população local preservou os acontecimentos relativos apenas ao da segunda escola, alegando que apenas esta foi positivamente marcante, o que tornou-a presente na memória individual e coletiva da população de Tamandaré.

PALAVRAS-CHAVE: Patronato. Escola de pesca. Memória. Tamandaré.

ABSTRACT: This work aims to rescue the memories kept in the memory of the natives and former residents of Tamandaré, about the existence of two federal institutions that functioned here: the Board of Trustees João Coimbra (1924 to 1941) and the School of Fisheries of Tamandaré (1954 to 1975). Memory is one of the foundations that gives meaning to the past events of life. Through informal conversations, it was possible to perceive that the local population preserved the events related only to the second school, claiming that only this one was positively marked, which made it remarkable in the individual and collective memory of the population of Tamandaré.

KEYWORDS: Patronage. Fishing school. Memory. Tamandaré.

INTRODUÇÃO

É comum se ouvir que, um povo sem memória é um povo sem história. Assim, houve a necessidade de registrar no livro, *Tamandaré – a história de um município* (Santos, 2000), as lembranças resgatadas dos fatos outrora ocorridos. Grande parte do resgate dos fatos foi através da história oral, ao lado de outras fontes, como fotografias, raros documentos e parágrafos existentes em escassas publicações. Assim, Tamandaré passou a possuir uma identidade definida, expressadas pelos seus moradores ou ex-moradores, nas escolas, nos grupos culturais, pelos guias turísticos, etc.

O uso de fontes orais para a compreensão do passado, muitas vezes a informação é questionada, já que pode haver diferentes maneiras de transmitir e de interpretar, além, do entrevistado ter uma falha de memória, fantasiar, omitir ou mesmo mentir sobre determinado fato, porém, as fontes escritas, normalmente, também são oriundas de relatos orais, portanto, ambas merecem ser analisadas criticamente.

De acordo com Rios (2013; p. 2), a relação entre memória e história se mostra relevante, pois coloca em discussão a formação social da experiência subjetiva e ajuda a compreender como a relação indivíduo-sociedade se manifesta no processo de constituição das lembranças. Essa questão aborda aspectos da cultura popular, da vida em família, dos hábitos e costumes de uma localidade, da religiosidade, entre outros, que são, sem dúvida, pontos que remetem à constituição social da memória.

Para melhor compreensão, Bakhtin (1981; p. 293) afirma que a palavra nunca pertence somente ao falante, ao contrário, pois metade dela sempre pertence ao outro, o que tem como resultado a multivocalidade das enunciações. Assim, qualquer narrativa do passado reflete os recursos oferecidos por um contexto sociocultural mais amplo, onde ocorre uma provável simbiose entre a memória individual e coletiva.

Tamandaré é uma praia localizada no litoral sul de Pernambuco, à 110 km da capital Recife e, atualmente possui cerca de 23.000 habitantes (BDE, 2018), podendo chegar na alta estação (em janeiro e no carnaval) a 100.000 habitantes.

O objetivo deste trabalho é tentar compreender o que motivou a população de Tamandaré a ter comportamento totalmente diferente sobre os fatos referente a duas escolas que funcionaram nesta localidade. O Patronato Agrícola João Coimbra, cuja história foi totalmente apagada da memória individual e coletiva, e a Escola de Pesca de Tamandaré, que é mantida viva na memória das pessoas, inclusive com a população

ainda alimentando a esperança do seu retorno. Fatos ocorridos nesta última foram transmitidos de geração a geração, enraizando-a na cultura dos tamandareenses naturais e do coração.

METODOLOGIA

Funcionaram em Tamandaré, duas escolas mantidas pelo governo federal: o Patronato (Aprendizado) Agrícola João Coimbra e a Escola de Pesca de Tamandaré - EPT. A população local sempre demonstrou rejeição pela primeira e grande aceitação pela segunda.

Para elucidar este fato, foram ouvidos informalmente, vários moradores desta localidade. Sobre o Patronato, os entrevistados praticamente nada lembram ou ouviram falar; quanto à EPT, a memória é bastante viva, mesmo para os que ainda não existiam durante o seu funcionamento, porém, a história desta escola foi transmitida até as atuais gerações.

Houve um intenso levantamento bibliográfico sobre a memória humana, na busca de compreender a dinâmica da sua preservação para determinados acontecimentos; sobre o comportamento humano de escolher os fatos que fazem questão de transmitirem aos seus descendentes, como forma de preservá-los por gerações.

MEMÓRIA HUMANA

É caracterizada pela capacidade de se adquirir e conservar as lembranças. A cultura da memória foi estudada pelo sociólogo francês Halbwachs, que revolucionou o tema, na primeira metade do século XX, ao afirmar que a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças surgem da interação social constituída no interior de um grupo, cujo evento teve lugar na vida de todos. Quando ocorre de não nos recordarmos do evento narrado por aqueles que, assim como nós, estiveram presentes durante o mesmo, podemos então dizer que um elo se rompeu entre nós e o grupo do qual fazíamos parte, pois cada membro do grupo percebe essa massa de lembranças transportadas pela memória coletiva, com maior ou menor

intensidade, já que as lembranças que se destacam em primeiro plano na memória de um grupo são aquelas que foram vivenciadas por uma maior quantidade de seus membros (HALBWACHS, 2004; p.31-41).

A memória individual é construída a partir das referências e lembranças pessoais, mas vinculada ao grupo social que convive. O suporte em que se apoia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica, portanto, a vivência em vários grupos desde a infância, estaria na base da formação de uma memória pessoal (HALBWACHS, 2004; p. 55-58). Entretanto, Bosi (2006; p. 411) eleva a valorização da memória individual, ao mencionar que por muito que se deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda os fatos.

Por outro lado, Pollak (1989; p. 3-7) sugere que a relação entre memória história e memória popular, abriu novas possibilidades dos fatos passados serem rediscutidos pela sociedade atual, já que as memórias populares que prosseguiram imperceptíveis pela sociedade, passaram a serem resgatadas e mais ouvidas.

Esta busca de informações referentes à identidade humana vem crescendo o discurso sobre a memória, portanto, nos dias atuais tem-se considerado tanto a memória das minorias (popular) como a memória histórica (oficial, do ponto de vista da nação).

É impossível nos lembrar de todos os detalhes do que aconteceu ou que nos foi ensinado ao longo de nossa vida, mesmo assim, existe uma tendência de nossa memória se apega mais ao fato vivido, do que aquele que entramos em contato, por exemplo, através dos livros, a menos que tenhamos feito parte dessa história. Portanto, existe uma tendência de descartarmos a maioria das más experiências vivenciadas, para retermos carinhosamente em nossa memória, aquelas que são funcionais para nossa existência e felicidade.

Neste trabalho foram consideradas quatro categorias de memórias, resumidamente definidas, levando em consideração ao sugerido por Halbwachs (2004; p. 85) e Simson (2003; p. 15-17): (1) memória individual, pessoal ou autobiográfica - é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo onde este indivíduo foi socializado; (2) memória coletiva - é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória de um grupo social; (3) memória popular, subterrânea, revolucionária ou marginal - é aquela que corresponde a versões

sobre o passado dos grupos de uma sociedade. Esta memória geralmente está registrada e muito bem guardada no âmago de famílias ou grupos. Portanto, só quando se cria condições, essa memória é recuperada e passa a ser exposta, passando então a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade; (4) memória histórica, nacional ou oficial – é aquela que representa o passado de forma resumida e extremamente simplificada, mas sujeita a sofrer alterações dos fatos, ou seja, o nosso passado não subsiste totalmente intacto, conforme aconteceu.

As informações dos fatos ocorridos nas antigas civilizações eram conservadas na memória das pessoas mais velhas, que transmitiam às novas gerações. Atualmente, este costume só se verifica, normalmente, em comunidades isoladas. E, por conta dessa mudança do comportamento humano, é que a maioria das sociedades modernas é conhecida por sociedade do esquecimento ou por um povo sem memória, porque o papel social dos idosos está rapidamente perdendo a sua importância. Portanto, a forma que se encontrou para preservar a memória e as informações (textos, objetos, monumentos, pinturas, filmes, fotografias, músicas, etc.) foi, principalmente, guardando-as em museus, bibliotecas, centros culturais, centros de memórias, áreas públicas, entre outros.

A memória é um tipo de relação que se estabelece entre o passado e o presente. Portanto, simbolicamente ela é capaz de congelar o tempo por um instante, fornecendo uma imagem bem acabada sobre determinado momento de nossas vidas, permitindo dessa forma, que de algum modo ela seja revivida por nós. O tempo, no entanto, consiste também numa construção social. O modo como o percebemos é marcado por padrões e convenções coletivas que organizam a experiência dos indivíduos (RIOS, 2013; p. 6).

Pollak (1989; p. 4-5) afirma que a memória não envolve apenas experiências vividas diretamente, mas também experiências herdadas e aprendidas, que são transmitidas aos indivíduos pelos grupos, através do processo de socialização. Menciona que a sociedade civil, com sua memória subterrânea, pode se opor ao discurso oficial (memória histórica), principalmente ao encontrar condições de ser ouvido e, como consequência pode modificar a história tida como verdadeira, ao expor suas lembranças outrora confinadas ao silêncio.

Neste trabalho de resgate histórico, através da reconstrução oral da existência de duas escolas de Tamandaré que foram desativadas, foi possível constatar que é comum a memória individual apresentar um equilíbrio precário e de contradições,

semelhante ao que foi registrado por Pollak. O autor numera três critérios que colaboram para a construção da memória: acontecimentos, personagens e lugares, porém, alerta sobre uma ligação muito estreita entre memória e o sentimento de identidade que se deseja passar aos outros, tendo em vista que memória é um elemento constituinte do sentimento de reconstrução da identidade pessoal ou de um grupo (1989; p. 12-13).

Após ouvir informalmente dezenas de moradores de diferentes idades, foi perceptível a mistura de informações em algumas narrativas, principalmente com relação às datas, mas era compreensível, por razões da própria idade dos entrevistados (alguns bastante idosos), pelo tempo que as escolas foram desativadas e, também por alguns não terem participado diretamente de alguns fatos que ocorreram, os quais foram informados por pessoas de gerações que os antecederam.

Devido à importância da baía de Tamandaré, considerada um importante porto natural do litoral brasileiro, desde a colonização da Capitania de Pernambuco que só houve autorização para ser ocupado por órgãos públicos. Esta área possui aproximadamente 2 km da orla entre as praias do Pontal do Lira e da Boca da Barra, totalizando uma área em torno de 42 hectares; destes, em torno de 10 hectares houve a construção de um simples forte do tipo trincheira (1646), que foi substituído pela construção do atual forte de pedra e cal. (iniciado em 1677). No seu lado direito, numa área estimada em 32 hectares, funcionou o hospital Lazareto (1998-1915), que foi substituído pelo Patronato João Coimbra (1924 - 1941), depois ficou em atividade a Escola de Pesca de Tamandaré (1954 - 1975), a Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE (1976 - 1981) que utilizou nas aulas práticas do curso de Engenharia de Pesca e, desde 1983 é ocupado pelo CEPENE (Centro de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Nordeste).

PATRONATO AGRÍCOLA JOÃO COIMBRA (1924 A 1941)

Com o fechamento do Lazareto em 1915, as edificações ficaram sem uso por 8 anos, quando em 1923, o governo federal autorizou reforma e novas construções para que fossem ocupadas pelo Patronato Agrícola João Coimbra, vinculada ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Este educandário era direcionado às crianças carentes do estado de Pernambuco e dos estados vizinhos. Nesta época, segundo

estimativas de antigos moradores, Tamandaré era habitada por cerca de 500 pessoas, que sobreviviam principalmente da pesca artesanal e plantio de pequenas lavouras.

Em 05 de novembro de 1924 foi inaugurado o Patronato Agrícola João Coimbra, que atendia crianças pobres ou abandonadas pela família, com idade entre 05 anos e 12 anos. A escola funcionava como internato, onde elas recebiam gratuitamente, todo material necessário para sua manutenção, educação e saúde. Além da educação escolar e de correção (com a aplicação de rigorosos castigos), as crianças participavam de cursos práticos sobre agricultura, com aulas práticas realizadas em Saltinho, uma propriedade comprada pelo governo federal, para garantir o abastecimento de água do Lazareto; desde 1983 passou a compor a Reserva Biológica de Saltinho.

Em 1934, essa escola passou a se chamar Aprendizado Agrícola João Coimbra. A partir daí, aumentou a idade máxima dos alunos para 17 anos, e aos poucos foi diminuindo a rigidez imposta nos castigos corretivos, também passaram a oferecer os cursos de alfaiate, sapateiro, músico, carpinteiro, entre outros.

Durante todo o período de funcionamento, a maioria das famílias que residiam em Tamandaré evitaram matricular seus filhos, alegando a existência de rígida disciplina, cujos castigos físicos eram bastante criticados. Somando-se a este fato, a população local tinha pouco vínculo afetivo e efetivo com as pessoas deste educandário, já que este adotava um regime fechado e distante dos habitantes local, os quais só tinham contato com poucos funcionários que residiam no vilarejo. Os alunos só eram vistos ao passavam em cima do caminhão e trator, quando seguiam para Saltinho, ou então quando desfilavam no dia 7 de setembro.

Em 1941, o Aprendizado foi transferido de Tamandaré para a cidade de Barreiros, a 23 km de distância. Depois de várias mudanças de nomes, desde 2008 passou a ser denominado Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - campus Barreiros.

Essa transferência deixou a população de Tamandaré bastante preocupada. O Aprendizado tinha feito parte da comunidade local, apesar de ser bastante fechado. No local ocupado por ele, restou uma triste e desértica paisagem.

Apesar da existência do empreendimento por 17 anos, e de sua transferência ter diminuído as oportunidades de crescimento da localidade, mesmo assim o Aprendizado foi rapidamente removido da memória de seus habitantes,

Tanto é assim, que nas entrevistas sobre a sua existência em Tamandaré, as pessoas não demonstraram ter deixado qualquer resquício em suas lembranças, nem ao

menos se interessaram em falar sobre o tema. Como consequência deste comportamento, tudo faz crer que as pessoas que vivenciaram o seu funcionamento, nada transmitiram as próximas gerações, sendo por isto uma raridade alguém ter conhecimento que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - campus Barreiros teve sua origem em Tamandaré, quando funcionou por 17 anos.

ESCOLA DE PESCA DE TAMANDARÉ – EPT (1954 – 1975)

Com o fechamento do Aprendizado Agrícola João Coimbra, as edificações ficaram sem uso por 13 anos, quando em 1953, o governo federal autorizou as reformas e novas construções, para que o espaço fosse ocupado pela Escola de Pesca de Tamandaré.

Esta escola-internato era voltada para o ensino técnico-profissional da pesca marítima e foi construída pelo Ministério da Agricultura, através da Divisão de Caça e Pesca. Contemplava três cursos: pescador profissional, motorista de pesca e patrão de pesca. Foi responsável pela formação de jovens a partir dos 15 anos, com o objetivo de suprir as necessidades do setor pesqueiro nacional. Os cursos tinham duração média de dois anos e não se exigia para a inscrição do candidato, conhecimentos superiores aos de 4ª ano. Anualmente tinha em torno de 400 alunos matriculados, oriundos das regiões norte e nordeste. Estes tinham tudo pago (alimentação, fardamento, material didático, material de higiene pessoal, roupa de cama e banho, etc.) pelo governo federal.

Nesta época Tamandaré tinha em torno de 900 habitantes. Com o funcionamento da EPT, a alegria dos tamandareenses foi geral, pois desde o início eles entenderam que o empreendimento iria evoluir toda a região, especialmente o distrito de Tamandaré.

Durante todo o seu período de funcionamento, muitas famílias de Tamandaré matricularam seus filhos. Estes quando concluíam os cursos, facilmente eram empregavam, pois naquela época era grande a produção pesqueira explorada pela frota nacional.

A população tinha um vínculo muito forte com a EPT. Existia um auditório onde se projetava filmes, tinha várias apresentações culturais e lindas festas de conclusões dos cursos, sempre com a presença das famílias dos funcionários e pessoas

amigas que viviam nesta localidade. Na época, praticamente não existia transporte público para atender as demandas da comunidade, nem quadras esportivas e serviços médico-odontológico, porém, a EPT permitia que os carentes habitantes de Tamandaré, tivessem livre acesso. Nos momentos de folga, os estudantes podiam se deslocar até a comunidade, onde se tornaram amigos da maioria das famílias, tendo com isto, aumentando ainda mais o vínculo com esta instituição de ensino.

Por tudo isto, quando após 21 anos as suas atividades foram encerradas, o povo chorou. É comum as pessoas comentarem sobre o desejo de vê-la voltar a funcionar, pois a sua importância foi transmitida oralmente de geração a geração.

As lembranças positivas retidas na memória individual e coletiva da população, fez surgir um sentimento de identidade tão forte com a EPT, que jamais pôde se igualar com os outros empreendimentos que posteriormente passaram a ocupar essas edificações.

A EPT continua tão forte na memória da população local, que após 43 anos de seu fechamento, a referida área ainda é chamada, por muitas pessoas, de Escola de Pesca. Tal fato é uma consequência da grande participação popular e um imenso valor social que esta escola manteve com a comunidade local e, em troca permanece carinhosamente guardada na memória das pessoas que conviveram diretamente com a EPT ou receberam informações de pessoas pertencentes às gerações que lhe antecederam.

CONCLUSÕES

Este trabalho detalhou o sentimento social sobre duas escolas que fizeram parte da história recente de Tamandaré. Para tanto, buscou-se resgatar a memória da população, como forma de resgatar fatos esquecidos ou passados de geração a geração.

Pelo exposto, com relação ao Patronato (Aprendizado) Agrícola João Coimbra, é possível constatar que não existe nenhuma ligação entre a memória e o sentimento de resgatar a sua existência, pois o mesmo já foi totalmente esquecido pela população local. Tal fato pode ser atribuído ao pouco envolvimento da população local e sua rejeição pelo referido sistema educacional.

Quanto a EPT, existe uma estreita ligação entre a memória e o sentimento de identidade da população local, a qual tem se dedicado a repassar de geração a geração, a

importância histórica desta escola. A transmissão oral tem se apresentado como um método valioso e eficaz na construção do conhecimento sobre a formação social positiva deixada pela EPT. Assim, até hoje os tamandareenses alimentam o sonho de um dia poder conquistar o retorno desta escola.

REFERÊNCIAS

1. BAKHTIN, M. M. **The dialogic imagination: four essays by M. M. Bakhtin.** Editado por Michael Holquist. Tradução de Caryl Emerson and Michael Holquist. University of Texas Press. Áustria, 1981.
2. BDE – Base de Dados do Estado. **Governo do Estado de Pernambuco.** 2018.
3. BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
4. HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** Tradução de Laís Teles Benoir. 1 ed. São Paulo: Centauro, 2004.
5. RIOS, F. D. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013.
6. POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
7. SANTOS, M. C. F. **Tamandaré – a história de um município.** 1 ed. Tamandaré, 2000.
8. SIMSON, O. R. M. V. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Revista Acadêmica**, Campinas, v. 1, n. 6, p. 14-18, 2003.